

O MARINHEIRO VIAJANTE, O CAMPONÊS LONGEVO E O ARTÍFICE: METÁFORAS DE WALTER BENJAMIN NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO HUMANA

Felício O. Deleprani

A literatura, mais que uma disciplina ensinada nas escolas, por sua própria natureza artística, é ela mesma um meio de formação do ser humano (BAKHTIN, 1997, p. 236). Nessa compreensão sobre o conceito de literatura, Walter Benjamin (1985) denuncia uma apropriação que a indústria vinha fazendo da literatura, no começo do século XX, servindo-se dela para formar pessoas acríticas e acomodadas ao modo de produção capitalista. Além disso, o autor aponta para o fato de que uma literatura padronizada ao modo de produção industrial se torna uma mercadoria e perde sua aura de obra de arte.

Benjamin (1985a) lança seu olhar ao passado para buscar, na figura dos “mestres” narradores, um pano de fundo sobre o qual possa demonstrar quão devastadora foi a apropriação da literatura pela indústria. Com isso, sugere que, enquanto os narradores pré-capitalistas,

ao contar e recontar suas histórias, cambiavam a experiência humana por meio dessa técnica, a indústria cristalizou o gênero romance que passou a circular sem o potencial de incorporação de novas experiências. A propósito dessa percepção, procuramos refletir, neste capítulo, sobre as condições da educação atualmente. Nossa hipótese é a de que há uma padronização da educação e que essa padronização retira do processo educacional a possibilidade de intercâmbio de experiências humanas. Essa condição de impossibilidade erige, no lugar da experiência, uma lógica voltada para modelos de educação funcionalistas.

O PENSAMENTO DE WALTER BENJAMIN

Walter Benjamin (1892-1940) foi um filósofo que se distinguiu como crítico de arte e literatura. Na década de 1920, grande parte de seus estudos foram influenciados pela filosofia e arte românticas, época em que esteve concentrado em ler grandes poetas como Goethe (1749-1932), com a

finalidade de aproximar a literatura da filosofia de Kant (1724-1804). Porém, na década de 1930, os escritos de Freud (1856-1939), Marx (1817-1883) e Weber (1864-1920) passaram a ocupar grande parte de seu pensamento. A esses teóricos da filosofia e da sociologia, Benjamin aproximou grandes autores da literatura ocidental, como Proust (1871-1922), Kafka (1883-1924), Baudelaire (1821-1867) e Leskov (1831-1895).

Em um ensaio de 1936, traduzido para o português como “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolay Leskov”, Benjamin (1985a, p. 197-221) analisa alguns contos de Leskov, com a finalidade de cotejar o modo de narrar da sociedade industrial capitalista com o modo de narrar das comunidades tradicionais, pré-capitalistas. Sua hipótese é a de que, enquanto as narrativas (e seu modo de narração) pré-capitalistas incorporavam a experiência (*Erfahrung*) humana, o modo de narrar capitalista voltou-se apenas para as vivências efêmeras (*Erlebnis*), termos que analisa no contexto dos estudos psicanalíticos de Freud.

Nas seções seguintes, analisaremos os conceitos *Erfahrung* e *Erlebnis*, bem como sua relação com os tipos de narradores de Benjamin. Procuramos, com isso, estabelecer uma crítica ao modo como a educação tem sido pensada atualmente, especialmente sobre a forma como a Base Nacional Comum Curricular propõe as práticas educacionais no Brasil.

ERFAHRUNG E ERLEBNIS

Os termos *Erfahrung* e *Erlebnis* aparecem nos textos de Benjamin, pela primeira vez, em um pequeno artigo escrito para a revista de um grêmio estudantil, na época em que o autor ainda cursava o Ensino Básico. O pequeno texto, de 1913 e ainda não traduzido para o português, tem como título exatamente a palavra *Erfahrung* (BENJAMIN, 2011). Nesse texto, Benjamin reflete sobre a experiência dos mais velhos e sua influência e poder repreensivo sobre os mais jovens, no qual menciona as duas palavras em um contexto em que ambas poderiam ser traduzidas como “experiência”: “ele narra aos jovens as suas experiências cinzentas e pesadas, e os ensina a rirem de si mesmos. Especialmente, porque a experiência sem espírito é confortável, mas também, sem esperança” (BENJAMIN, 2011, p. 118).

Depois de ler Freud (2020), Benjamin passou a dar a devida importância a esses termos e a destacar suas diferenças até que, em seu último ensaio, *Sobre alguns temas em Baudelaire* (BENJAMIN, 2007), explica-os, detalhadamente. No ensaio, esforça-se para esclarecer que *Erfahrung* corresponde ao campo da “experiência” e é uma condição para o exercício da memória, ao passo que o termo *Erlebnis* corresponde ao campo da “consciência” e, portanto, está ligado às vivências efêmeras e passageiras. Essa diferenciação é fundamental para a proposta que Benjamin (1985a) nos apresenta em “O narrador”, seu ensaio de 1936, como veremos na seção seguinte.

A experiência (*Erfahrung*) em baixa

Walter Benjamin (1985) olha para a literatura Russa e percebe em Nikolay Leskov um escritor que, “numa distância apropriada e num ângulo favorável” possui as características de um “narrador”, ao modo tradicional. Explica que essa imagem do “narrador” aparece em Leskov tanto quanto “o rosto humano e o corpo de um animal aparecem num rochedo”, quando olhamos para esse rochedo a distância. Com isso, quer dizer que ainda há em Leskov algumas reminiscências de um modo de narrar que sofrera uma radical modificação com a chegada da indústria. Benjamin (1985a, p. 197-198) assinala essa decadência da narração tradicional nas seguintes palavras: “uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência (*Erfahrung*) estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo”.

A experiência (*Erfahrung*) a que Benjamin se refere está relacionada com um modo pré-capitalista de contar histórias. Em uma época em que a indústria ainda não se ocupava de imprimir e reproduzir a obra de arte (BENJAMIN, 1985b, p. 165-196), as histórias eram contadas e recontadas, sendo preservadas na tradição oral ou na cópia manual. Assim, duas figuras contribuíram para que as histórias fossem levadas de um lugar a outro, ou passasse de uma geração a outra: o marinheiro viajante e o camponês sedentário. O primeiro recontava, nos lugares por onde passava, as histórias que ouvira de onde vinha; o outro contava às novas gerações as histórias que ouvia das gerações anteriores. As histórias recontadas eram sempre únicas e reiteradas, mas nunca repetidas, pois quem as contava as modificava para enfatizar uma ou outra parte e, com isso, enriquecia a narração a partir de sua própria experiência com ela (BENJAMIN, 1985a, p. 199).

Contudo, Benjamin (1985) diz que o “marinheiro viajante” e o “camponês sedentário” eram tipos arcaicos de narradores e que, mais tarde, a narração encontrou seu ápice na figura do “artífice”, uma categoria de trabalhadores que, quando eram jovens, viajavam para realizar os pequenos serviços de seu ofício. Quando, porém, envelheciam, montavam uma oficina e passavam a trabalhar de forma sedentária. Na oficina do artífice idoso, ia aprender o artífice jovem. Nesse processo de trabalho predominantemente artesanal, as histórias eram narradas.

O mestre sedentário e os aprendizes migrantes trabalhavam juntos na mesma oficina; cada mestre tinha sido uma aprendiz ambulante antes de se fixar em sua pátria ou no estrangeiro. Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram. (BENJAMIN, 1985a, p. 199).

Segundo Benjamin (1985a, p. 199), “Leskov está à vontade tanto na distância espacial como na distância temporal”. Benjamin explica, portanto, que esse autor russo, diferentemente de seus contemporâneos e conterrâneos, Dostoiévsky e Tolstói, usa a experiência dos camponeses russos como matéria-prima para seus contos. Isso só é possível porque Leskov, “a serviço de uma firma, viajou pela Rússia e essas viagens

enriqueceram tanto a sua experiência do mundo como seus conhecimentos sobre as condições russas”.

Em outras palavras, o que Benjamin (1985a) está dizendo é que Leskov incorpora a condição do viajante que ouve e reconta histórias, acrescentando nelas sua própria experiência, ao passo que outros escritores de sua época, preocupados em criar, a partir de seus personagens, tipos psicológicos, passam a uma experiência solitária. E essa experiência é replicada por meio dos romances que, na visão de Benjamin, tornam-se uma mercadoria da indústria, sendo replicados em série, sem nenhum acréscimo de experiência a cada vez que são reimpressos. Essa cristalização de uma única experiência na obra literária, de certo modo, está ligada ao próprio modo de produção capitalista que procura incorporar no leitor a legitimidade do modo de produção industrial.

A BNCC e a experiência (Erfahrung) na educação brasileira

Como visto, é a gênese de uma “padronização” que Benjamin(1985a) enxerga nas obras de que começam a aparecer na virada do século XIX para o século XX. Explicando seu próprio ensaio, Benjamin (2004, p. 9) afirma que a forma encontrada pela indústria para transformar a literatura em uma mercadoria, foi padronizá-la na forma de livro impresso, possibilitando sua reprodutibilidade em larga escala. Nesse sentido, Benjamin (1985a) observa que a literatura, que antes tinha o papel de formar uma sociedade rica em experiências que eram passadas de geração em geração e de fronteira em fronteira, com a chegada da indústria, passa a servir a dois propósitos. Em primeiro lugar, tem como objetivo formar cidadãos a partir de gêneros que se alimentam da própria realidade industrial, reproduzindo-a e legitimando. Em segundo lugar, tem a finalidade de se tornar uma mercadoria passível de ser reproduzida e consumida, como qualquer outra mercadoria.

Na atualidade, esse processo de padronização parece ter estendido seus tentáculos vorazmente para a educação. Se tomarmos como exemplo as políticas educacionais brasileiras, perceberemos que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), salvo as reminiscências que persistem desde a fase pré-histórica desse documento (mais ou menos, de 1996 até 2015), converge para os padrões impostos pelo mercado e pela indústria cultural. Isso fica claro quando, por exemplo, notamos que, na BNCC, o inglês, a língua do mercado internacional, é valorizada como língua estrangeira obrigatória em detrimento de outras línguas estrangeiras, ainda que faladas por algumas minorias do país (VILAÇO; GRANDE, 2019, p. 145-155). De fato, o currículo estabelecido para a Educação Básica é completamente voltado para a lógica neoliberal (SANTOS; VIEIRA; SILVA, 2022, p. 86-108). Além disso, sentimos que as marcas do fundamentalismo religioso toham as possibilidades de inserir na educação as questões étnicas e de gênero (CARREIRA, 2019, p. 59-84).

Essa padronização na educação, semelhante à que Benjamin (1985a) nota na literatura, tem um duplo objetivo. O primeiro deles está relacionado à formação das pessoas, uma vez que as pautas educacionais estão alinhadas ao modo de produção. O educando, ao fim de cada ciclo de sua formação, estará mais preparado para o mercado de trabalho e menos preparado para criticar sua condição social. O segundo objetivo é transformar a própria educação em uma mercadoria. Essa última condição se verifica nas atuais políticas “privatistas” da educação, como a política dos *vouchers*, cada vez mais recorrente entre os congressistas mais liberais e os constantes contingenciamentos e cortes nas verbas destinadas à educação pública (FREITAS, 2018).

Ainda podemos acrescentar outra ameaça a um modelo de educação emancipador, em nosso tempo: a mediação tecnológica da educação. Nas atuais plataformas educacionais, as aulas são disponibilizadas e repetidas infinitas vezes, exatamente do mesmo modo. Essa repetição *ad infinitum* se assemelha muito ao que ocorreu com a literatura como uma *obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (BENJAMIN, 1985b, p. 165-196). Esse modo de transmissão de conhecimento desconsidera o caráter irrepitível e a condição de reiteração, tão essenciais para que a educação seja significativa em cada época histórica em que ocorre.

CONCLUSÃO

Na crítica de Benjamin à literatura, o filósofo detecta um fenômeno de seus dias, isto é, a apropriação da literatura para formar na mente do leitor uma certeza legitimadora do modo de produção capitalista. Para isso, a indústria transforma as obras de literatura em mercadorias, padronizando-as.

Na atualidade, um movimento semelhante parece estar ocorrendo em relação à educação. Por meio de documentos normatizadores, como a BNCC, e outras políticas padronizadoras, a indústria tem padronizado a educação tanto para transformá-la em uma mercadoria, quanto para se servir dela como meio para uma formação que atenda às demandas do mercado. Trata-se, portanto, de esforços cujos resultados efetivamente contribuem para a ampliação do sofrimento no contexto educacional.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução a partir do francês: Maria Emsantina Galvão G. Pereira. São Paulo Martins Fontes, 1997.

BENJAMIN, Walter. Experience. *In*: BENJAMIN, Walter. **Early writings: 1910-1917**. Translation: Howard Eiland *et al.* Cambridge: Belknap, 2011. p. 116-119.

BENJAMIN, Walter. On some motifs in Baudelaire. *In*: ARENDT, Hannah (Ed.). **Illuminations: 1910-1917**. Translation: Harry Zohn. New York: Schocken, 2007. p. 155-200.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolay Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura, história e cultura. 3. ed. Tradução: Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Brasiliense, 1985b. p. 165-196.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Tradução: João Barrento. Lisboa: Assírio e Alvin, 2004.

CARREIRA, Denise. Gênero na BNCC: dos ataques fundamentalistas à resistência política. *In*: CÁSSIO, Fernando; CATELLI JÚNIOR, Roberto (Orgs.). **Educação é a Base?** 23 educadores discutem a BNCC. São Paulo: Ação Educativa, 2019, p. 59-84.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Reforma empresarial da educação**: nova direita, velhas ideias. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. *In*: SIGMUND, Freud. **Obras incompletas de Sigmund Freud**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SANTOS, Joedson B.; VIEIRA, Emília P.; SILVA, Tarcia R. As políticas curriculares BNCC e BNC-formação no contexto da educação infantil: reflexos para a educação das relações étnico-raciais. **Debates em Educação**, v. 14, p. 86-108, 2022.

VILAÇO, Fabiana de L.; GRANDE, Gabriela C. Língua inglesa na BNCC. *In*: CÁSSIO, Fernando; CATELLI JÚNIOR, Roberto (Orgs.). **Educação é a Base?** 23 educadores discutem a BNCC. São Paulo: Ação Educativa, 2019. p. 145-157.